

ARQUÉTIPOS, FANTASMAS E ESPELHOS*

Maurício Waldman**

RESUMO:

Este texto é o desdobramento final de *Imaginário, Espaço e Discriminação Racial*, artigo publicado no exemplar nº 14 da Revista GeoUsp (2003, pp. 45-63). Assim sendo, em continuidade este texto assinala os vínculos existentes entre o espaço, tanto nas suas dimensões concretas quanto nas imaginárias, com a questão da discriminação racial, articulando ambas temáticas por sua vez com a relação mantida entre as sociedades e a natureza. Para além da localização do racismo exclusivamente em nível da concretude social, o ensaio busca evidenciar, pois uma *cartografia* e a uma *geografia imaginária*, entendida como matriz para a revivificação e/ou ressemantização de dinamismos espaciais excludentes. Neste contexto, a eclosão de uma interpretação linear e progressiva do tempo social, *firmada na supressão do espaço pelo tempo*, uma inferência entendida neste material como específica à modernidade, é vista como básica para a origem de formas genuinamente racistas de discriminação. Por conseguinte, o racismo seria pertinente exclusivamente ao padrão civilizatório ocidental e a nenhum outro. A discriminação racial seria resultante de uma civilização que suprimiu o espaço em função do tempo, processo este articulado com a negação do outro e das pulsões da natureza. Por fim, o texto busca esclarecer a respeito das conseqüências da discriminação e sobre a reconstrução das diferenças, tais como estas se especificam no contexto da Globalização

PALAVRAS-CHAVE:

Imaginário; Arquetipo espacial; Territorialidade; Tempo-espaço; Civilização Ocidental; Discriminação racial.

ABSTRACT:

These are the final considerations of *Imaginary, Space and Racial Discrimination*, article published on GeoUsp, nº 14 (2003, 45-63), the academic journal of University of São Paulo's Geography College. Therefore this text assigns, in continuity, the relation of space, even in concrete dimensions as if in his imaginary one, with racial discrimination, and also articulates both themes within the relations among societies and environment. More than localize the racism exclusively in a concrete social level, this essay seeks to evidence the *cartography* and *imaginary geography*, understood as a matrix to revivification and/or re-conception of excluding spatial dynamism. In this context, the emerging of linear and progressive interpretation of social time, based on *suppression of space by time*, an inference understood in this material as a modern specificity, exclusively for the western civilized pattern and no other. The racial discrimination would result of a civilization that took of the space for time, articulated with other negation process and nature rhythm. Eventually, this text seeks clarify the consequences of racial prejudice and the reconstruction of differences, as these specificities in a Globalization context.

KEY WORDS:

Imaginary; Spatial archetype; Territoriality; Time-space; Western civilization; Racial prejudice.

*Sociólogo (USP), Mestre em Antropologia (USP) e Doutor em Geografia (USP). Dentre muitas publicações, Maurício Waldman é autor de "Ecologia e lutas sociais no Brasil" (Contexto, 1992), "Meio ambiente e antropologia" (SENAC, 2006), co-autor da "Coleção tecendo o saber" (Fundação Roberto Marinho, 2007) e de "Memória d'África - A temática africana em sala de aula (Cortez, 2007, juntamente com Carlos Serrano). Atualmente, desenvolve projeto na área de relações internacionais enfocando a África austral e possui uma home page, a <http://www.mw.pro.br>.

E-mail: mw@mw.pro.br

Ensaio dedicado ao *schtetl* de Lagoff, na Polónia do Congresso, que durante séculos foi o espaço de vida dos meus ancestrais paternos. Juntamente com seus moradores, ele foi eliminado na voragem da Segunda Grande Guerra. Desde então, seus estilhaços sobrevivem apenas na memória dos tempos-espaços idos. Mas mesmo assim, compartilhando de outros tempos e de outros espaços, estes fragmentos são uma advertência eterna de que os ausentes, quando significativos, estão sempre presentes (1993/5753).

ESPAÇO E IMAGINÁRIO DA NEGAÇÃO

As concepções de tempo e de espaço sempre estiveram na base da organização das diferentes sociedades humanas. Elas estão materializadas na organização do espaço geográfico e encontram expressão em arquétipos figurativos, como na iconologia e na iconografia.

O aparato simbólico, mais que uma manifestação cultural, responde pelas necessidades objetivas de reprodução de qualquer sistema. O poder lembra Carlos SERRANO, *não se caracteriza apenas pela apropriação do espaço, a sujeição de pessoas ou grupo de pessoas, mas também, pela manipulação de signos e símbolos, numa apropriação destes* (1989: 89).

Todas estas inferências estão ordenadas em *padrões perceptivos*, aos quais temos denominado de Arquétipos Espaciais. A partir destes arquétipos, discernimos modelos identitários através dos quais são colocados em ação os mecanismos modeladores dos corpos, tanto do social, no seu aspecto propriamente sociológico, quanto dos humanos em seu *strictu sensu*, processos de modelagem que atuam em paralelo e estão intimamente relacionados entre si.

Expressão de um determinado *Modo de Relação com a Natureza*, o Arquétipo induz direcionamento dos fluxos presentes no

inconsciente, ele mesmo parte da natureza que habita o corpo do homem, emanação sem a qual não seria possível pensar a dimensão do humano.

No caso do sistema capitalista, tal arquétipo estabeleceu, a partir de seu processo de mundialização, várias estratégias de exclusão. Dentre estas, a nota mais importante reportaria a um *território imaginário* para o qual foram deportados todos os inimigos potenciais da artificialidade, noção esta, já observamos, matriz da formulação de uma hierarquia racial.

Desta forma, o repúdio do natural em favor do artificial, redundou em prefigurações sobrenaturais, localizadas em uma *topologia do inconsciente geralmente denominada como esfera do irracional*. Esta racionalização, desdobramento direto da noção de progressividade, não-perdurabilidade e mais adiante, não-natureza, coloca a dessacralização do mundo como o cerne das atenções do novo sistema em expansão. "Nesta perspectiva, o irracional passou a representar os mitos que foram varridos com o advento da razão livre, livre dos deuses, livre de concepções metafísicas, livre do além-homem" (DIÓGENES, 1992:3).

Esta profunda alteração dos padrões sensíveis que sempre caracterizaram as sociedades humanas em geral e que hoje demarcam a maior encruzilhada de que a humanidade jamais teve notícia, atenderam a uma estratégia deliberada de colocar povos a regiões a serviço da acumulação de capital. Em função desta necessidade, foram profanados e mortificados todos os espaços, criados ou reelaborados outros signos, símbolos e estigmas, cruciais para a organização do espaço habitado e qualificação de seus habitantes humanos e não-humanos.

A eclosão do tempo linear e progressivo, que sucede a partir das cidades - *o espaço de liberdade do capital* - como sublinhavam Karl Marx e Friedrich Engels - vai originar uma vasta operação de ressemantização do excluído, *do outro* em geral, em vias de ser submetido ou já

subjugado. Certamente, na antiguidade clássica e durante toda a Idade Média, nos momentos nos quais os europeus viam-se como vítimas iminentes de movimentos em larga escala de povos alienígenas que ameaçavam submergi-los (caso, por exemplo, dos persas, dos hunos, dos árabes, dos mongóis, dos tártaros e dos turcos), foram elaboradas imagens estereotipadas *do outro*.

A atribuição de estereótipos negativos (tão mais negativos quanto maior fosse a ameaça, aparente ou real) estava presente na repulsa que os gregos devotavam aos persas, no preconceito dos romanos contra as inquietas tribos germânicas que pressionavam a longínqua fronteira norte do império, no anti-semitismo do cristão medieval, que caracterizava os judeus como povo deicida e aliados do anti-Cristo.

Entretanto, nada foi semelhante no passado da humanidade à *reinvenção da diferença* estabelecida a partir do Renascimento. Respondendo pelas necessidades de um sistema - o Capitalista - que emerge de dentro das entranhas do Feudalismo, o novo imaginário volta-se, desenfreadamente, não só contra *o outro de fora* (o não-europeu em geral), mas também contra *o outro de dentro* (o europeu não-burguês).

Esta *generalização visceral da negatividade*, explica-se pela propensão do espaço capitalista reproduzir-se tanto na escala do horizontal (através das "Grandes Descobertas", por exemplo), quanto na vertical (pelo revolucionamento das relações de produção). O fortalecimento do capitalismo só poderia advir do desmantelamento de células espaciais autárquicas e auto-suficientes, da desagregação da heterogeneidade das concepções de tempo-espaço que grassavam de alto a baixo no edifício da sociedade feudal. Ao mesmo tempo, voltava-se contra o negro-africano, o índio, o asiático, seus tempos e seus espaços.

A criação de um novo imaginário histórico-cultural dito *nacional*, foi a principal peça elaborada com vistas a excluir tudo o que não fosse branco, ocidental e burguês. Neste imaginário, a burguesia reinventou a totalidade da história humana, criou personagens novos, privilegiou os detalhes que melhor se ajustavam ao padrão proposto e ao mesmo tempo desqualificou ou negou o que não lhe interessava. Atuando como pólo organizador, o imaginário ocidental gestou novos modelos identitários, inspirados no geral, na ressemantização da herança lingüística e de alguns "ancestrais míticos", hipotéticos povos fundadores das diversas nacionalidades.

Por isso mesmo, uma *mitologia nacional* passa a provar que bretões, provençais, alsacianos, borgonheses e normandos, *seriam franceses* (isto é, descendentes dos francos), e que bávaros, renanos, turíngios, pomeranos, silesianos e prussianos, *seriam todos alemães* (ou seja, descendentes dos alamanos). Melhor ainda, esta pretenciosa mitologia prescrevia que em cada destes novos espaços nacionais, em geral um conjunto dispare de dialetos, de tradições locais e de particularismos, *sempre teriam formado a França ou a Alemanha*. O mesmo sucedeu por toda a Europa, na qual cedo ou tarde a totalidade das populações viu-se subitamente investida do privilégio de pertencer a esta ou aquela "nacionalidade".

Este fenômeno de *modelagem das nacionalidades* possuía relação siamesa com a formação dos mercados nacionais, com a criação das moedas únicas e com o fortalecimento do absolutismo real. Foram decretadas *línguas nacionais*, geralmente com base em um dialeto com maior proeminência literária (caso do toscano, na Itália) ou política (o falar da corte, na França). A imposição de um código lingüístico unificado em nível de cada "nação", normatizou direta ou indiretamente um conjunto de padrões de compreensão da realidade, pois programando os eventos de maneira completamente diferente, estas línguas criaram *mundos sensoriais dantes difusos ou inexistentes*¹.

Os rebatimentos dos ajustes então implementados no espaço europeu, atingiram igualmente as relações proxêmicas, que foram inteiramente remodeladas. Elas tiveram impacto direto na programação dos receptores a distância (olhos, ouvidos e nariz) e nos receptores imediatos (pele, membrana e músculos). Os espaços auditivo, visual e olfativo foram ressocializados a partir da preocupação de perceber, reconhecer e de impor padrões estéticos adequados às pretensões e objetivos socialmente hegemônicos.

Tal domesticação da sensibilidade é inseparável do processo de domesticação do corpo, ou melhor, corpos: masculino e feminino, negro e branco, criança e adulto, braçal e intelectual, rico e pobre. No caso da classe trabalhadora, esta domesticação incluiu processos particularmente mortificadores, brutais e violentos².

Assim, muito antes de inaugurar o massacre das populações indígenas, escravizar milhões de africanos e submeter os povos da Ásia e Oceania, a criação das novas identidades

nacionais européias (por sinal dificilmente identificáveis no tecido étnico europeu alguns séculos antes), ensejou um genocídio sem precedentes de centenas de grupos, de seus falares, de seus gostos, de suas festividades, de suas relações sócio-ambientais, que em quase todos os casos desapareceram para sempre³.

Por conseguinte, e ao contrário do pensado por muitos, o fortalecimento das monarquias nacionais européias não se especificou unicamente na discriminação contra os judeus, muçulmanos ou ciganos, mas também contra todos os que fossem diferentes no próprio âmbito europeu, aí incluídos os etnicamente assemelhados. Milhares de comunidades camponesas, seus hábitos e tradições seculares foram destroçados para que pudesse vingar o tempo progressivo e o espaço artificial que o acompanhava alguns passos atrás. Foi posteriormente a uma imensa operação de “purificação étnica” realizada em solo europeu que as potências colonialistas lançaram-se à imposição de seu domínio no além-mar.

O RETORNO DOS BÁRBAROS



Esta peça alegórica elaborada pelo fascismo italiano é exemplar da ressemantização dos estereótipos étnicos e raciais na sua relação com o espaço. Na imagem, há uma clara retomada do velho mito dos bárbaros que assediam o mundo civilizado, confundido com a península. O texto no alto da imagem também adverte qual é o elemento comum aos "inimigos": são todos os que não falam a nossa língua (Reproduzido de SILVA, 1975:80).

A formação do Estado Espanhol exemplifica as linhas gerais deste processo. Primeiramente foi selada a unificação monárquica, pela união dos Reinos de Castela e Aragão (1479). Sucede-se rapidamente a ofensiva contra o último reduto muçulmano na Península Ibérica (o Reino de Granada) e a expulsão dos judeus espanhóis (gerando a diáspora sefaradita). Após esta purificação étnica, inicia-se então - a partir da "Descoberta" da América - o genocídio do negro e do indígena americano. A interconexão entre estes acontecimentos transparece mesmo em nível cronológico: a destruição do Reino mouro de Granada, o banimento dos judeus e a viagem de Cristóvão Colombo (considerada como marco da opressão do negro e do indígena) são eventos que ocorreram num mesmo (e fatídico) ano: 1492.

Este mosaico de medidas foi referendado por um Arquétipo Espacial específico da consciência social que passa a impregnar o ocidente. Ao contrário dos arquétipos do passado, este não inclui as emanções ou fluxos naturais. É um arquétipo divorciado da Natureza enquanto piso geográfico. Ele esboça uma dimensão espacial totalmente artificial e geometrizada, expressão da matematização do tempo e de sua autonomia frente a quaisquer outros fluxos temporais. *Este arquétipo exalta traços melhorativos como o alto, o reto, o limpo, o racional e o não-sexual. Exclui o impuro, o sujo, o inferior, o prazer e o espontâneo. Nele, o processo de significação se ensaia antes mesmo da constituição dos signos.*

Assim sendo, é perceptível um *imaginário topológico* nitidamente diferenciado de seu precedente feudal. Na Idade Média, o Arquétipo Espacial estava eivado de conotações hoje entendidas como arcaicas ou ingênuas. Explicitariam este imaginário medieval: a explicação ptolomaica do universo, com uma Terra plana ocupando seu centro; Jerusalém como o *omphalos* do mundo habitado e em decorrência disto, do universo; o registro, nos mapas medievais, de toda sorte de bestas e animais fantásticos, procedentes de uma biologia maravilhosa; o domínio de concepções

mágicas relativas aos ventos, às mares, aos vulcões, aos terremotos e tufões; crença de que o espaço habitado coexistiria com o Jardim do Éden e com reinos imaginários como o de Prestes João e assim por diante.

Com a constituição do novo Arquétipo Espacial esboçado com base em um sistema que repudiava os fluxos da natureza, novas prefigurações ganham substância social, ocupando o lugar das antigas. Este novo arquétipo irá assegurar a hegemonia da interpretação progressiva do tempo social e excluir um conjunto de elementos míticos que deixam de possuir sentido com o avanço da Modernidade.

Nada melhor espelha as injunções deste novo arquétipo que a Cartografia que passa a ser desenvolvida no ocidente¹. O eurocentrismo, acompanhado da laicização do espaço, passa a imperar nas representações cartográficas. A Europa é representada na parte superior dos mapas, posição antes ocupada pela Ásia (caso do *Mapa de Roda* medieval ou *Orbis Terrarum*). Jerusalém, que era costumeiramente destacada no centro do mundo, perde esta localização com a descoberta da rotundidade da Terra.

As representações cartográficas passaram a ser, como reflexo da matematização do tempo, rigorosamente esquadrihadas por uma rede de coordenadas geográficas, "garantindo segurança e exatidão das viagens marítimas e sucesso dos negócios dos mercadores europeus" (SEVCENKO, 1984:11). Expressão do domínio espacial crescente do Capitalismo, as grandes viagens transoceânicas, como a Viagem de Colombo (1492), a chegada de Vasco da Gama nas Índias (1502) e a circunavegação do globo por Fernão de Magalhães e Sebastião Del Cano (1519/1522), são indissociáveis dos avanços da geometria, da física, da matemática e da astronomia.

Constituindo uma representação matematizada e laicizada do espaço geográfico, a cartografia moderna expulsa dos mapas aquelas representações típicas da iconografia

judaico-cristã, como o Paraíso Terrestre, a Arca de Noé e a Torre de Babel, que haviam sido costumeiras nos mapas medievais durante séculos. Desapareceram também diversos continentes insólitos, tais como Thule, a Hiperbórea e Atlântis. Criaturas fantásticas, como sátiros, serpentes marinhas, grifos, basiliscos, a ave roc, as harpias, o odradec, os unicórnios, as salamandras e os antílopes de seis patas são empurrados para uma *reserva imaginária do natural*, pois são incompatíveis com um espaço cada vez mais geometrizado.

Tais símbolos, seres e territórios, em alguns casos acompanhados dos povos e das populações que haviam constituído seus interlocutores concretos, migram penosamente para o domínio das lendas, do folclore popular ou então para a esfera do irracional. Desta

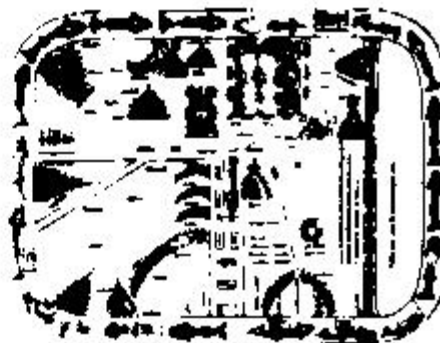
derradeira fortaleza, estes excluídos, agora metamorfoseados em criaturas monstruosas, lançam-se, vez por outra, em investidas no espaço do sono e dos sonhos, gerando pesadelos e sobressaltos.

Fora dos limites europeus, este processo é repetido pela desterritorialização dos não-ocidentais e conseqüentemente, pela ressemantização de seus espaços. As massas continentais são nominadas ou rebatizadas ao gosto da cultura européia e incorporadas ao mapa-múndi a despeito de estarem ou não efetivamente ocupadas. Simbolicamente, no entanto, já fazem parte de uma expectativa espacial futura e mais do que isto, uma prefiguração, consignada no plano semântico inclusive, quanto à sua estereotipia².

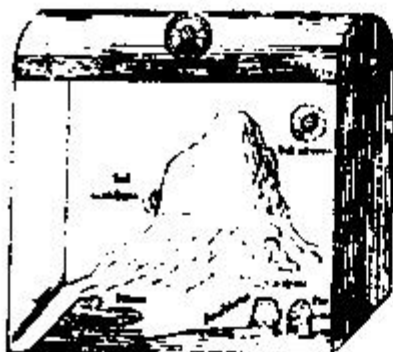
QUATRO EXEMPLOS DA "TOPOGRAFIA CRISTÁ DO UNIVERSO"



(I)



(II)



(III)



(IV)

Estas quatro ilustrações são representativas de uma *Topografia Cristã do Universo*, incorporando diversos significados simbólicos e conotações míticas. Nestes quatro exemplos, em razão das prefigurações que habitavam o imaginário medieval as dimensões relativas às cidades e aos países estão dilatadas ou hipertrofiadas. Assim temos: (I): Um exemplar do *Mapa de Roda* (ou *T no O*), de autoria de Isidoro, Bispo de Sevilha (570/636 d.C.), que impressionou vividamente a mentalidade do homem medieval. Foram confeccionados centenas destes mapas durante toda a Idade Média. Eles preservaram a divisão da Terra em zonas idealizadas pelos gregos (Europa, Ásia e África) sendo conotadas, implícita ou explicitamente, pela noção de centralidade de Jerusalém, cidade situada na charneira dos continentes. Também identificavam as áreas de dispersão dos filhos de Noé (Sem, Cam e Jafet) e em vários casos, a localização do Paraíso Terrestre; (II): *Mapa Retangular* de Beato (Séc. VII d.C.), monge beneditino espanhol, orientado para Leste, "onde fica o Jardim do Éden"; (III): Representação feita pelo sábio armênio Cosmes Indicopleustes (VI d.C.) da concepção de *Mundo Tabernáculo*, por ela defendida. As terras emersas irradiam-se a partir de uma grande montanha (Ararat?) com Cristo, Filho de Deus, adornando a abóbada celeste; (IV): Mapa datado da época de Carlos V e executado entre 1364 a 1372, com Jerusalém no centro do mundo e indicando a direção dos doze ventos.

Para o caso do assim chamado *Velho Mundo*, caso da *Europa*, *África* e da *Ásia*, utiliza-se uma toponímia cujas origens perdem-se em meio ao passado greco-romano. Europa corresponde a uma amante de Zeus nos mitos gregos, relacionada miticamente com a civilização minóica, e, não sem razão incorporada com uma referência central para a identidade Ocidental pela Renascença.

O continente africano é tomado como o conjunto de terras situadas ao sul do que os romanos haviam definido como *Afri*, antigamente habitada pelos garamantes, númidas, líbios e mauritânios. Quanto a *Ásia*, originalmente restrita à Anatólia e suas imediações, foi espacialmente expandida de forma a abarcar os povos situados a Leste desta península, vale dizer, os árabes, tártaros, mongóis, indianos, populações thais e indonesianas, assim como os habitantes de *Katai* (China) e *Cipango* (Japão).

Os outros continentes, consistindo em territórios absolutamente novos para os europeus, também terminaram incorporados pelo *regime de anexação simbólica*. A *Oceania*, conforme sugere a própria denominação, encontra seu critério definido no fato de seus inumeráveis arquipélagos estarem separados por mares bravios e tempestuosos. A *América*, por sua vez, ou *Novo Mundo*, dantes uma massa continental desconhecida pelos europeus - patente em denominações como *Terra Incógnita*, usuais em muitos mapas seiscentistas - evoca a atuação de um dos exploradores europeus, Américo Vespúcio.

Toda esta renominação constituiu uma autêntica violência simbólica, apagando quase de uma hora para outra, a totalidade das formulações espaciais anteriormente existentes, fruto de especulações milenares das geografias sensíveis de um universo múltiplo e heterogêneo formado por não-brancos, não-ocidentais e não-burgueses¹.

A Cartografia Ocidental é um dos epifenômenos que evidenciam o caráter excludente de um Arquétipo Espacial

encarnando uma visão de mundo de caráter racionalizante. Tal Arquétipo materializou-se por intermédio de uma reorganização nacional do espaço geográfico, pelo agenciamento de novos enquadramentos de segregação espacial (caso dos *guetos* e das *senzalas*) e sumamente, pela reinterpretação de todas as escalas compreendidas *entre o homem enquanto self de si mesmo e o universo* (Ver neste sentido, BYINGTON, 1992).

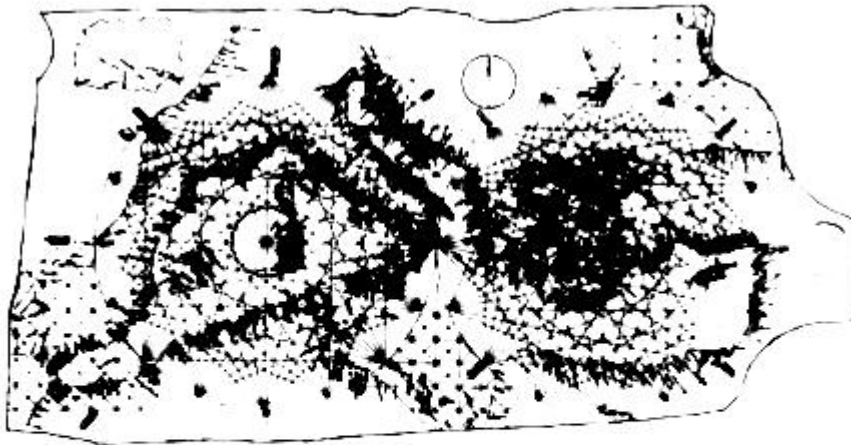
Este movimento encarna uma equação perversa entre o natural e o artificial, da qual emanam as prefigurações sobrenaturais do racismo. Em conseqüência, o espaço tornou-se agente viabilizador e simultaneamente, desencadeador de uma hierarquia racial. Ele expressa uma esfera do racional que expurgou, pela artificialização do mundo, tudo o que não condizia com sua auto-imagem, *terminando por atribuir à natureza - negada e combatida - os lineamentos de negatividade que observa materializado no outro*².

Esta radical representação de mundo expressa a pretensão de um padrão civilizatório, o Ocidente, em mundializar um *modo de espacialização* que se substantivando apenas como *igual a si mesmo*, somente pode conceber *o outro* sob a ótica da extrema diferença. O racismo se impõe como um paradigma fundamentado em um processo explícito de "condenar e desterrar vale dizer, desterritorializar pessoas, raças e culturas em favor de uma totalização identificatória praticada pela dominação alienante" (CHEBABI, 1992: 108).

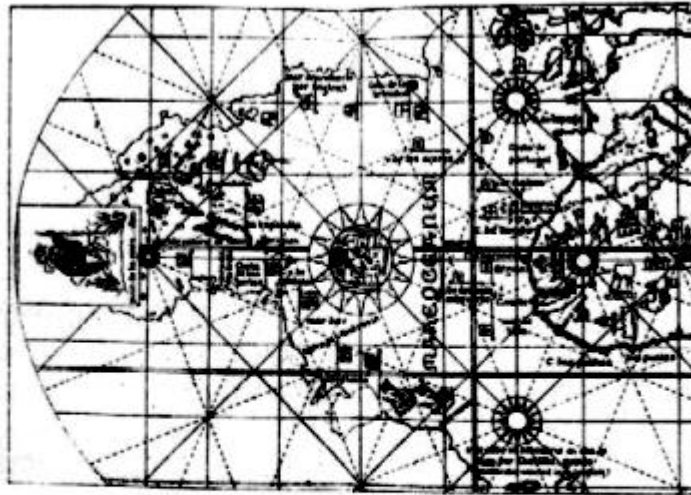
O racismo, subproduto de uma, espacialização artificializante, não pode deixar de confundir-se com aquela dimensão colocada como diametralmente oposta ao império da razão, ou seja, o irracional. A discriminação racial transparece como um emocional invertido, que no plano social circunscreve uma ideologia e no do psiquismo, uma patologia (JAHODA et ACKERMAN, 1969).

Neste sentido, o Arquétipo Espacial do Ocidente, ao valorizar o geométrico e o matemático, o retilíneo e o uniforme, guarda íntimas relações com a discriminação racial. Em desajuste com os dinamismos corporais, orgânicos, naturais e cósmicos que sempre foram valorizados pelas culturas antigas, este arquétipo molda estereótipias e traços pejorativos para com o outro, *que sempre é algo que não é*. A Artificialidade, concretizada em *Próteses* (SANTOS, 1988) cada vez mais rígidas, reproduz a mais violenta construção teórica de exclusão do outro jamais idealizada. Tendo o primado do racional como princípio ordenador geral, ela é necessariamente excludente e discriminadora.

No Ocidente, "a racionalização do mundo vem carregada daquela angústia mítica radicalizada travestida de controle, de certeza, de onipotência, de exatidão, da verdade, do não-medo. O homem seria o mentor do progresso, o construtor de sua história, o transformador da Natureza, e com isso, mudaria a feição do mundo e a de si próprio. Progresso vem significar domínio, em relações reconhecidamente assimétricas, onde se justifica em seu nome a morte das "culturas atrasadas", de povos que entravam o desenvolvimento, das tradições que insistem em manter crenças fora dessa "nova" ordem universal" (DIÓGENES, 1992:3).



A *Carta Pisana* reproduzida acima foi provavelmente obra do almirantado genovês e baseada em um levantamento sistemático de rumos do Mediterrâneo e do Mar Negro por volta de 1280. Utilizada, com acréscimo de alguns aperfeiçoamentos, até 1620, esta obra é demonstrativa dos intentos preocupados com o esquadrinhamento do espaço geográfico por intermédio de modelos e paradigmas lineares e matemáticos (Extraído de OLIVEIRA, 1983:505).



No mapa elaborado por Juan de La Cosa (1460/1510), cartógrafo espanhol que acompanhou Colombo em sua expedição rumo à América, o "novo continente", assim como o litoral ocidental da África, já aparece esquadrihado pela metodologia dos portulanos, expressando uma apropriação simbólica de um espaço que ainda aguardava uma ocupação territorial efetiva (Extraído de OLIVEIRA, 1983:152).

No entanto, o triunfo da razão, da racionalidade e por extensão, *o esmagamento do não-racional*, cobram um alto tributo em termos de uma angústia civilizatória. Ao lado do Arquétipo Espacial que permeia a atuação do Homem ocidental nos espaços que cria para si mesmo e nos alheios que pretende dominar, sedimenta-se lenta, mas inexoravelmente, um território cheio de torvelinhos e pulsões, mortificação e sofrimento, profanação e terror, ansiedade e ódio.

Neste âmago, convivem todos os sentimentos reprimidos, formando uma *reserva pulsante do irracional*, resultado direto do avanço constante da artificialidade. Quando extravasam esta delimitação territorial, tais pulsões se atiram decididamente na tarefa de conspurcar, violentar e profanar, macular o belo, o gentil, o virtuoso, o piedoso e o maravilhoso. Em especial, elas encontram o seu alvo nas formas que foram

eliminadas do espaço, desqualificadas pelo tempo, atiradas para fora da História e da Geografia.

Este território pleno de sentimentos reprimidos, de fluxos pervertidos do inconsciente social, está circunscrito a um mapa, a uma Cartografia, cujos significados topológicos decorrem daquela dessacralização dos valores e das crenças que durante a maior parte da história humana constituíram seu espólio mais valioso.

Uma geografia peculiar ganha, em nível do imaginário, contornos cada vez mais nítidos na medida em que novos prisioneiros são desembarcados neste espaço. Com o avanço do modo de espacialização capitalista, um continente inteiro passa a ser colonizado por fantasmas e aparições. É povoado por seres profundamente temidos, pois neles, apesar da tortura e da profanação, ainda são

reconhecíveis os traços do humano, ou melhor, do *demasiadamente humano*.

Formam-se correntes migratórias formadas pelos seres fantásticos expulsos dos mapas medievais e posteriormente, dos que habitavam as geografias sensíveis dos povos de antanho. Chegam também prisioneiros acorrentados, vilipendiados e malditos, que antes respondiam pela irradiação do lúdico e do sensual, condenados ao exílio em função do trabalho produtivo e exaustivo.

Gradativamente, este continente terminou por abarcar e aprisionar tudo o que não fosse branco, ocidental e burguês, epílogo de uma estratégia montada por uma civilização em guerra total contra *o outro e o universo*. Malgrado o Ocidente tenha alcançado vitórias objetivas sobre a Natureza, sobre o outro e inclusive sobre si mesmo (ao negar aquelas características que compartilha com “os diferentes”), este padrão civilizatório, mesmo não querendo, tem que se defrontar a todo o momento com as sombras, com os negativos e com as imagens que nega.

Neste espaço cheio de tensões acumuladas, uma pressão continua ameaça romper de vez a fina crosta da racionalidade, vazando para a superfície. Neste subsolo psíquico, formado à custa da erosão das formas que dantes existiam em parceria com o humano, imperam a desolação, a degradação, os impulsos do extermínio, da violência e da morte. *Num sentido não só metafórico este subsolo pode tragar os indivíduos a evidenciar o que literariamente já foi descrito como uma metamorfose¹.*

De considerável influência sobre o psiquismo humano, a negação dos desejos, do afeto, da imaginação, da fantasia e a absoluta exclusão do *outro de si mesmo*, explícito no não reconhecimento das características comuns que podem levar os humanos, em diferentes escalas sensíveis, a solidarizarem-se entre si - tarefa esta que o Ocidente desempenhou com inigualável maestria - respaldam atitudes perversas compartilhadas por todas as manifestações de racismo no Ocidente.

Os resultados desta opção civilizatória em favor da quebra dos vínculos com a sombra, com o reflexo e o bloqueio do olhar na direção *do outro*, foram dramáticos. O Ocidente, em sua marcha triunfante rumo à universalização do intercâmbio, acabou excluindo não só *o outro de fora*, mas principalmente, *o outro de si mesmo*.

A propensão em submeter, em destruir tudo o que não se ajustasse ao paradigma da uniformidade, da homogeneidade e de um “universal” que seria sua cópia transplantada para todos os cantos da Terra, levou a Civilização Ocidental a gerar, de dentro de suas vísceras, uma patologia específica, suscitadora da negação da vida, tendo na discriminação racial uma de suas vertentes mais poderosas.

Tal imaginário da negação retoma e reatualiza, fortalece e rearticula o que Freud denominava de *Mal-estar da cultura*, cujos sintomas reportam a um subsolo psíquico que a razão ocidental teima em negar, ignorar ou desqualificar². Em contraste com o onipresente espelho planetário construído às expensas das formas antigas pré-existentes, da negação do humano ou do humano que existe no outro, a Civilização Ocidental vive atormentada com a possibilidade de que esta fina superfície de vidro resplandecente se rompa.

**A REAPRESENTAÇÃO DOS ALIENÍGENAS E A
ICONOGRAFIA PSICOLÓGICA DA BESTIALIDADE**



Peça anti-semita proveniente da Itália Fascista. Na imagem superior, há uma recuperação do bestiário medieval, composto por semimonstros e inumanos. Na segunda, o mito de identificação com base em critérios ditos "psicológicos", ou seja, comportamentais, legitimadores da bestialidade (Reproduzido de SILVA, 1975:80).

Ela é tomada de pânico cada vez que a voragem do reprimido pulsa por detrás da película que permite encantar-se consigo própria. Mais que qualquer outro temor, esta civilização doente, angustiada, insatisfeita e, sobretudo anti-humana, está continuamente atormentada pelo receio de ser afogada por tudo o que abomina e odeia.

Os gregos antigos já haviam concluído que Narciso, encantado consigo próprio e indiferente a tudo que não fosse seu próprio brilho, somente poderia caminhar para a morte. No mito renovado que é o Ocidente, cujo gigantesco espelho confunde-se hoje com os contornos do planeta, o racismo - suprema manifestação de um delírio autista, de uma glória centrada em si mesma, ou ainda, *da negação do amor* - poderá finalmente tragar seu próprio criador, desorientado com o labirinto do mal que ele mesmo criou.

PONDERAÇÕES, ADVERTÊNCIAS E CONCLUSÕES

Ante a um desafio tão profundo quanto discutir a discriminação racial, seria difícil esgotar esta problemática em alguns poucos parágrafos. Podemos, no entanto, elencar, com base nos argumentos e orientações amalhadas, algumas conclusões gerais com relação ao tema que nos propusemos discutir.

Sinteticamente seriam:

1. A questão do racismo é indissociável das interpretações do tempo social, com as quais se articulam as diferentes estratégias de organização do espaço, este último entendido como um leque que apreende os mais diversos estratos, coordenados, no caso da Modernidade, por um Arquétipo Espacial racionalizante e, portanto, promotor da artificialidade. Neste sentido, a Modernidade evidencia um enrijecimento crescente do espaço, que tende a materializar-se em um *Espaço-Prótese*, no qual estaria caracterizado o triunfo total e definitivo do tempo linear e progressivo sobre todos os demais fluxos, tanto os naturais quanto os da natureza e do homem.

É assim que um texto recente refere-se a um *predomínio dos meios, suscitando novas formas de sociabilidade*: “Nos meios de comunicação, mas também na arquitetura, no urbanismo, política, educação, as formas de sociabilidade acompanham profunda mutação cultural que redefine os comportamentos, as atitudes, permitindo a emersão de novas técnicas, novos modos de ser e comunicar” (...) “Essa mutação, a racionalização visceral da natureza pela técnica, foi descrita por Heidegger com o nome de *Ge-Stell*. Consiste, sobretudo numa vasta operação de prótese (telas, vídeos, máquinas inteligentes, automatizações, tecnocratismo) sobre o real tradicional, inclusive o próprio sujeito humano, que começa a perder todas as velhas representações de unidade ou entidade. Dos meios tecnológicos emergem de organização social descomprometidas com fins ético-sociais” (1992: 45).

Esta tendência está refletida, por exemplo, na tecnificação das políticas de interdição a de controle espacial. Nos dias de hoje, os muros, paliçadas e muralhas que outrora vedavam a China, o Egito e o Império Romano do assédio dos semimonstros, fantasmas, aparições e bárbaros, foram substituídos por cercas eletrônicas, municiadas com sensores de raios infravermelhos, visores panópticos e alarmas automáticos. O rastreamento dos alienígenas é também acompanhado por satélites em órbita geo-estacionária, capazes de focalizar o menor objeto e detectar o menor sinal de perturbação.

Este *Espaço-Prótese* em processo de formatação implica numa recontextualização generalizada da discriminação. Esta se amplia inclusive pela adição de novos excluídos potenciais ao padrão clássico composto pelos não-ocidentais, não-brancos e não-burgueses. Este parece ser, seguramente, o caso dos italianos do *Mezzogiorno*. Os profundos desequilíbrios estruturais da Nova Ordem Internacional também garantem o aprovisionamento de novas explosões de violência racial, tanto nos países centrais quanto nos periféricos.

Quanto à aos países da antiga URSS, valhas rivalidades conotaram situações de guerra aberta, caso do conflito entre a Armênia e o Adzerbaidjão, assim como acirraram os conflitos internos na Moldova, na Geórgia e no interior da própria Rússia. A Europa assistiu ainda a questão dramática dos muçulmanos da Bósnia, vítimas de uma política de purificação étnica encetada pelo redivivo nacionalismo sérvio. Estes novos diferentes, somam-se à categorias mais antigas, como os negros, judeus, ciganos e indígenas, que por sua vez são objeto de uma ofensiva rediscriminatória.

A discriminação racial recrudescer em momentos em que a *universalização perversa* (SANTOS, 1978) é reforçada por padrões ditos *high tech*, como antenas parabólicas, circuitos integrados, telefonia celular, redes informatizadas, fibras óticas, técnicas de sensoriamento remoto, inteligência artificial, fac-símile e imagens de alta resolução. Este sistema de *corredores de circulação* é acessível exclusivamente à minoria que pode monitorar circuitos, fluxos e próteses.

Desta forma, na nova *Aldeia Global* (MC LUHAN et FIORE, 1971), na qual o tempo progressivo dispõe da maior mobilidade de toda sua história, os movimentos dos homens estão paradoxalmente bloqueados, contidos e sujeitos a um controle cada vez mais severo, em vista da formação de uma imensa massa de desvalidos desespacializados que acodem sem cessar para as arenas territoriais de afluência da Modernidade.

Há quem considere esta massa de desvalidos como o cerne de um imenso *arrastão planetário*, obrigando a uma redobrada vigilância das entradas e saídas dos espaços centrais. Estes novos alienígenas, granjeados agora por uma série de denominações tornadas universais pela mídia, tais como *Outsider*, *Ausslander*, *Disabled Persons*, *Clandestinos* ou *Boat People*, procuram burlar as linhas de defesa deste imenso muro que separa o Norte do Sul do planeta. Porém, apesar de constantemente contidos, detidos ou expulsos, suas

movimentações continuam simplesmente incontroláveis. Eles resultam de pré-condições objetivas que tem restringido cada vez mais o espaço de parcelas consideráveis dos humanos¹.

Em face deste cenário intranquilo e tumultuado, que promete projetar as mais aterradoras probabilidades de domínio do homem sobre o próprio homem (via engenharia genética, implantação dos *closed systems* - *ecossistemas fechados*, etc), o combate ao racismo não pode ser desvinculado do *resgate do tempo e tampouco da releitura da dimensão espacial*. Esta questão remete obrigatoriamente a luta anti-racista para um referencial ambientalista, construído na perspectiva dos interesses populares, pela eliminação de todas as formas de genocídio, etnocídio e ecocídio (FORUM GLOBAL, 1992).

2. É preciso ressaltar o relativo atraso das posturas críticas ao *status quo* frente ao formidável pacote de medidas que prenunciam desde já a implantação de um projeto político contrário aos interesses dos povos, a começar pelos do próprio Norte, aparentemente condenados a gozar de uma instável prosperidade com base na opressão de uma vasta multidão *de outros*.

Mesmo esta afluência não escapa de questionamentos profundos. Ela está materializada em metrópoles ecologicamente inviáveis, nas quais reina uma onipresente solidão humana, combinada com um padrão de consumo perdulário com base em bens descartáveis. Uma *desutilidade qualitativa* explicitada na oferta de uma parafernália eletrônica ou de lazer teledirigido, substitui progressivamente a qualidade de vida como parâmetro de bem-estar (Vide SODRÉ, 1992: 48).

Neste sentido, é preciso resgatar a conhecida advertência de Milton SANTOS pela qual "a maioria das teorias espaciais são estáticas e fazem com muita facilidade abstração do homem" (1978: 19). O espaço não pode ser reduzido a um patamar epistemológico

que o restrinja às suas manifestações concretas, das quais é extremamente difícil, em conformidade com o que o próprio texto procurou evidenciar, desvincular os importantes vínculos mantidos com a *esfera do imaginário*.

Urge reelaborar os conceitos relativos ao espaço, articulando em uma mesma argumentação *o pensar o espaço e o produzir o espaço, possibilitando o entendimento de como o poder se inscreve nos solos e nos discursos* (MORAES, 1988: 135). O espaço apreende dimensões sensíveis que tem sido manipuladas a todo instante pelo poder, transformando-as em signos e abrindo caminho para os *corredores semânticos da discriminação*, especificando-se nas mais diferentes modalidades (no tocante ao universo concentracionário (Vide BLIKSTEIN, 1987).

Na medida em que, conforme salienta Maurice MERLEAU-PONTY, o advento da *ordem humana* confunde-se com o advento da *função simbólica* e que *esta só encontra o real adiantando-o no imaginário* (1980: 203), torna-se evidente o importante papel a ser desempenhado pelas heranças etno-culturais do passado quanto à constituição de uma alternativa real ao tempo-espaço da Modernidade.

Nesta ordem de preocupações, *as comunidades tradicionais*, ou como poderia também ser sugerido, *as comunidades locais*, ao pautarem uma apropriação ao mesmo tempo objetiva e subjetiva do espaço e ordená-lo simbolicamente de forma a capacitá-lo a ser um elemento de resistência ao *modo de espacialização hegemônico* (SODRÉ, 1992: 53), estão tanto questionando uma espacialidade estéril e desumanizada quanto suscitando uma nova metodologia de conhecimento e de cultura política, pela qual "o passado torna-se presente. na tarefa de traduzir novas formas de verdade" (DIÓGENES, 1992 : 7).

Por fim, se é verdade que o desafio em construir uma nova teorização do tempo-espaço na perspectiva dos oprimidos está colocada para a academia (e nesta, para os geógrafos e

antropólogos, especialistas nas duas categorias conceituais, respectivamente o espaço e a cultura, que estamos discutindo), não é possível pensar este resgate do espaço, do tempo e da cultura sem a participação dos movimentos sociais. No século XXI, a situação de Modernidade impõe aos seus *pólos críticos* a necessidade de articular esforços em campos que tradicionalmente estiveram estanques e sem contato entre si.

3. Em decorrência do que já foi exposto, a confrontação com o *Espaço-Prótese* implica em uma reinterpretação do sujeito humano, uma requalificação do homem, de seus tempos e de seus espaços. Na artificialidade rígida que irrompe das entranhas do tempo linear e progressivo, estão colocadas as mais aterradoras probabilidades de dominação, um *admirável mundo novo* cheio de brumas, de chuva ácida intermitente, de plásticos, de corrosivos, de penumbra, de vazio, de solidão e de altos edifícios.

Aparentemente, desenvolve-se nos dias de hoje uma colonização do imaginário que parece inspirar-se em um conto de Jorge Luis Borges: *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*. Nesta instigante narrativa, o escritor argentino retrata uma seita que reconstrói o universo através de imagens, de objetos e informações silenciosamente introjetadas no mundo real, uma atividade que gradativamente vai erodindo as formas existentes e ao esvaziá-las, insere prefigurações fictícias, *que aos poucos se tornam realidade*.

Uma nova seita nos dias de hoje utiliza-se de estratégias de consumo simbólico pelas quais, está moldando por dentro o conjunto da humanidade. Estes novos parâmetros e novos signos estão lentamente se imiscuindo em nosso cotidiano. *Eles não são percebidos, pois como no conto de Borges, eles são notórios*. Estes corredores semânticos estão criando uma realidade virtual na qual ensaia-se o diálogo sobrenatural do mito da Modernidade, que tem nela mesma seu único interlocutor, visto que todos os demais mitos já estariam mortos,

sugados ou definitivamente expurgados da mente humana.

Neste diálogo sobrenatural, está **sugerida inclusive uma nova carne**, adaptada àquela renunciada pelo cineasta canadense David Cronenberg, pela qual *a tela, seria a retina dos olhos da mente*. O homem se encontra hoje, na posição de criar, verdadeiramente, a totalidade do mundo em que vive e ao qual os etólogos se referem como seu biótopo. Ao criar este mundo, está na verdade, *determinando que tipo de organismo será* (apud HALL, 1981: 15).

Este pensamento assustador, diante do pouco que conhecemos do próprio homem, reflete a constatação de uma profunda inflexão histórica em curso, desdobramento final do Arquétipo Espacial decorrente do *modo de espacialização capitalista*. Muito mais que um inesperado atalho da história, tais seqüelas constituem um resultado óbvio e previsível. A artificialidade absoluta e o caráter ostensivamente anti-humano desta metamorfose pressupõem uma arquitetura de dominação frente a qual o nazi-fascismo não passaria de uma aventura de principiantes.

Assim, uma requalificação do paradigma humano é fundamental para todos aqueles que, concreta ou potencialmente, antagonizam com esta nova versão de Fausto que é a Modernidade. Cumpre com certeza um papel estratégico nesta reformulação, *a questão da diversidade humana, na qual todos são em algum momento, o outro dos outros*. A percepção da relação Eu-Outro, "como expressão de arquétipos comuns ao individual, ao social e à natureza, nos permitirá observar um fato da maior importância, ou seja, que o *Arquétipo da Alteridade é comum ao amor, à Democracia, à Ciência e à Ecologia*" (BYINGTON, 1992:141, grifos meus).

O conceito de bem, adverte Loreley GARCIA, "é moral, geográfico e atemporal" (1985: 25). É, pois no domínio da sensibilidade,

do tempo a do espaço, que se materializa o novo, o transformador e a retomada do próprio homem, através do "desafio de um relacionamento sempre novo com a vida e a morte" (LEÃO, 1992: 228). É nesta busca do novo, do fluente, do vívido e pelo resgate das esferas sensíveis negadas por um mundo que excluiu de suas preocupações questão tão essencial quanto o desprendimento de si mesmo e a procura *do outro* como algo inerente à identidade humana, que se estabelece o *inteiramente humano*.

"Fluindo na direção da morte, a vida do homem arrastaria, consigo, inevitavelmente, todas as coisas humanas para a ruína e a destruição, se não fosse a faculdade humana de interrompê-las e iniciar algo novo, faculdade inerente à ação como perene advertência de que os homens, embora devam morrer, não nascem para morrer, mas para começar" (Hanna Arendt, citada in DIÓGENES, 1992: 8).

É neste anseio pelo inesperado, pelo reequilíbrio, pelo relacionar-se, que os homens recuperam o espaço do sonho e da esperança, e com ele, *a perspectiva de um novo projeto político*. Conseqüentemente, a diversidade, humana e a não-humana, devem estar necessariamente contempladas como pauta de preocupações da humanidade.

A Modernidade, alertamos ao longo deste texto, foi construída com o recurso de um imaginário excludente e negador *do outro*. A discussão sobre a discriminação, ao envolver o paradigma da alteridade, é um dos temas que mostram problemáticas insolúveis nos marcos do imaginário vigente. Porém, ao torná-las transparentes, a discussão da discriminação é de molde a catalizar um outro imaginário, esposado por milhões de homens e mulheres que apesar de excluídos, negados, desqualificados e oprimidos como nunca, ainda assim insistirão em construir sua própria História.

Notas

- ¹ “A própria percepção que o homem tem do mundo em torno de si, é programada pela língua que fala” (HALL, 1981: 15).
- ² No Século XVI, por exemplo, a população rural inglesa, expropriada e expulsa de suas terras e em seguida, compelida à vagabundagem, foi “enquadrada na disciplina exigida pelo trabalho assalariado por meio de um grotesco terrorismo legalizado que empregava o acoite, o ferro em brasa e a tortura” (MARX, 1975:854).
- ³ “Geralmente fala-se muito que os europeus destruíram as civilizações dos Maias e Astecas, quando da conquista da América, mas nos esquecemos que eles primeiro eliminaram os diferentes dentro da própria Europa. Onde estão os godos, visigodos e celtas, por exemplo? No próprio continente europeu, quem não era hegemônico, quem não era dominante, também foi destruído” (PORTO GONÇALVES, 1992: 6).
- ⁴ A Cartografia sempre espelha as prefigurações espaciais de uma dada cultura ou civilização. Os mapas, ao resultarem de uma seleção de dados implementada em atendimento ao que é considerado relevante para um imaginário espacial, guardam forte identidade com o arquétipo que os influenciou. Desta feita, a Cartografia faz uso, consciente ou não, de um aparato simbólico cujas significações decorrem das expectativas espaciais pertinentes a um determinado padrão civilizatório e sendo assim, seu papel extrapola mera apreensão ou aferição objetiva do espaço.
- ⁵ A estereotipia é evidente, por exemplo, no topônimo *África*. Embora de difícil averiguação, “essa palavra parece, para muitos autores, dar uma idéia aproximada de calor, ausência de frio” (MUNANGA, 1984: 161). A tropicalidade da África constituiu, por sua vez, um dado que foi sucessivas vezes explorado para “confirmar” uma inferioridade tida como inerente ao negro-africano, quando não um resultado do meio natural deste continente.
- ⁶ A Cartografia Arcaica espelhava outras acepções, ditas “cósmicas”, nas quais transpareciam as fortes articulações do dinamismo social com os fluxos naturais presentes no espaço geográfico.
- Os antigos mapas egípcios, chineses e mesopotâmicos reproduziam, por exemplo, a concepção de que o espaço habitado era o rebatimento de um *arquétipo celestial* (ELIADE, 1978), ele mesmo povoado por deuses responsáveis pela emanção de poderosas forças presentes no ambiente natural.
- ⁷ “Todas essas conjecturas nos servem para entender que todas as razões que se montam minuciosa e “objetivamente” para caracterizar normativamente as diferenças e traçá-las como diversidades portadoras do caos, tem sido maneiras de manter-se numa reflexão que *tanto fagocita o objeto, tornando-o fantasma do sujeito que o estuda, quanto aliena a subjetividade deste*” (CHEBABI, 1992:110) .
- ⁸ Em texto consagrado a análises literárias, Gisela PANKOW (1988), ao abordar a problemática do homem e de seu espaço vivido - *ou seja, seu corpo* - salienta que os processos de desintegração da personalidade encontram sua tradução em *metamorfoses*, nas quais o *fenômeno do corpo dissociado* é objeto das mais atrozes experimentações. É o que está ilustrado por FRANZ KAFKA em obra homônima. A metamorfose de Gregor Samsa, o personagem central, em um *monstruoso inseto* (por sinal não especificado), mostra uma transformação pela qual um indivíduo foi simbolicamente tragado por seu subsolo psíquico, prefigurado na imagem do inseto.
- ⁹ Em 1931, Sigmund Freud terminava seu célebre ensaio *O Mal-estar da Cultura*, com as seguintes palavras de advertência sobre as possibilidades de destruição total conferidas pelo processo de racionalidade na técnica e na ciência à violência humana: “os homens alcançaram um domínio tal sobre as forças da natureza que se lhes tornou difícil hoje em dia servir-se delas para se exterminarem até o último. Eles sabem disto, e daí provém uma boa parte da inquietação atual, de seu mal-estar e de sua angústia. É de se esperar que o outro dos dois poderes celestes, o Eros eterno faça um esforço em afirmar-se na luta contra seu adversário, o Thanatos, também eterno. Mas quem é que poderá prever o resultado e o desfecho?” (citado in LEÃO, 1992:225).

¹⁰ A intensidade deste deslocamento pode ser medida através dos números referentes à detenção de imigrantes ilegais mexicanos pela polícia dos EUA, um caso considerado paradigmático. Nos anos 1980, a média anual (1986/89) seria de 522.750 detidos em San Diego, 111.000 em Phoenix, 225.000 em El Paso e 162.500 em San Antonio (dados in *WORLD MEDIA*, 1991). Em 1990, a

polícia deteve *um milhão de pessoas que tentavam atravessar ilegalmente a fronteira* (idem). A repressão à imigração clandestina nos países da Comunidade Econômica Européia também se volta contra um formidável contingente de clandestinos oriundos do Ex-Leste Europeu, do Magreb, Caribe, sub-continentes indiano e da África Negra.

Bibliografia

BALANDIER, Georges 1969, *Antropologia Política*, co-edição Difel/Edusp, São Paulo, SP;

BETTANINI, Tonino, 1982, *Espaço e Ciências Humanas*, Editora Paz a Terra, Rio de Janeiro, RJ;

BOOKCHIN, Murray, 1989, *Sociobiologia ou Ecologia Social?* Editora Sementeira, Lisboa, Portugal;

BLIKSTEIN, Izidoro, 1987, *Semiologia de Dachau*, in Revista Encontro, nº12, S.Paulo, SP;

BYINGTON, Carlos Amadeu B, 1992, *A Democracia e o Arquétipo da Alteridade*, in *Democracia e Diversidade Humana: Desafio Contemporâneo*, Juana Elbein dos Santos (org.), Salvador, Bahia;

CARDOSO, Ciro Flamarion, 1990, *Antiguidade oriental - Política a Religião*, Editora Contexto, São Paulo, SP;

CHEBABI, Wilson de Lyra, 1992, *Medo da Diferença: Discriminação, Identidade e Tradição* in *Democracia e Diversidade Humana: Desafio Contemporâneo*, Juana Elbein dos Santos (org.), Salvador, Bahia;

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos, 1992, *Pós-Modernidade: Mito e Natureza*, NEPS/ UFC, Fortaleza, Ceará;

ELIADE, Mircea, 1978, *O Mito do Eterno Retorno*, Coleção Perspectivas do Homem, Volume Cinco, Edições 70, Lisboa, Portugal;

FONTETTE, François de, 1976, *O Racismo*, Livraria Bertrand, Lisboa, Portugal;

FOUCAULT, Michel, 1979, *Microfísica do Poder*, Editora Graal, Rio de Janeiro, RJ;

FREUD, Sigmund, 1974, *Esboço de Psicanálise*, Coleção *Os Pensadores*, Volume XXXIX, Editora Abril, São Paulo, SP;

GARCIA, Loreley, 1985, *Viagem pelo Labirinto do Mal*, in Revista Encontro, nº 8, São Paulo, SP;

GIDDENS, Anthony, 1990, *As Conseqüências da Modernidade*, Editora da Unesp, São Paulo, SP;

GINZBURG, Carlo, 1989, *Bruxas, Judeus e a Redescoberta da história*, Revista Shalom, nº 276, páginas 25/31, São Paulo, SP;

GOUREVITCH, A. Y. 1975, *O Tempo como Problema de História Cultural*, in *As Culturas e o Tempo*, co-edição Vozes/Edusp, São Paulo, SP;

HALL, Edward T. 1981, *A Dimensão Oculta*, Editora Francisco Alves, 2ª edição, Rio de Janeiro, RJ;

JAHODA, Marie et ACKERMAN, Nathan W., 1969, *Distúrbios Emocionais e Anti-Semitismo*, Editora Perspectiva, São Paulo, SP;

JOPPERT, Ricardo, 1978, *O Alicerce Cultural da China*, Editora Avenir, Rio de Janeiro, RJ;

LEÃO, Emmanuel Carneiro, 1992, *Modernidade e Violência*, in *Democracia e Diversidade Humana*:

- Desafio Contemporâneo*, Juana Elbein dos Santos (org.), Salvador, Bahia;
- LOWENTHAL, David, 1985, *Geografia, Experiência e Imaginação: Em direção a uma Epistemologia Geográfica*, in *Perspectivas da Geografia*, DIFEL, São Paulo, SP;
- MARX, Karl 1975, *Formações Econômicas Pré-Capitalistas*, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ;
- MARX, Karl, 1975B, *O Capital*, Editora Civilização Brasileira, 3ª edição, Rio de Janeiro, RJ;
- MC LUHAN, Marshall et FIORE, Quentin, 1971, *Guerra e Paz na Aldeia Global*, Editora Record, Rio de Janeiro, RJ;
- MERLEAU-PONTY, Maurice, 1980, *Em torno do Marxismo* in *Os Pensadores*, Abril Cultural, São Paulo, SP;
- MERLEAU-PONTY, Maurice, 1980, *De Mauss a Claude Levy-Strauss* in *Os Pensadores*, Abril Cultural, São Paulo, SP;
- MORAES, Antonio Carlos Robert, 1988, *Foucault e a Geografia*, in *Boletim Paulista de Geografia*, nº 66, edição da Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo, SP;
- MOREIRA, Ruy, 1982, *A Geografia serve para desvendar as máscaras sociais*, in *Geografia: Teoria e Crítica*, Editora Vozes, Petrópolis, RJ;
- MUNANGA, Kabengele, 1984, *Povos e Civilizações Africanos*, in *Introdução aos Estudos sobre a África Contemporânea*, co-edição Centro de Estudos Africanos da USP e Ministério das Relações Exteriores, São Paulo/Brasília, SP/DF;
- NEHER, André 1975, *Visão do Tempo e da História na Cultura Judaica*, in *As Culturas e o Tempo*, co-edição Vozes/Edusp, São Paulo, SP;
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de, 1981, *Espaço e Tempo: Compreensão Materialista e Dialética*, in *Novos Rumos da Geografia Brasileira*, Milton Santos (org.), Editora Hucitec, São Paulo, SP;
- PANKOW, Gisela, 1988, *O Homem e seu Espaço Vivido*, Editora Papirus, Campinas, SP;
- PATTARO, Germano, 1975, *A Conceção Cristã de Tempo*, in *As Culturas e o Tempo*, co-edição Vozes/Edusp, São Paulo, SP;
- PINSKY, Jaime, 1981, *Prefácio de Conceção Materialista da Questão Judaica*, de Abraham Leon, Editora Global, São Paulo, SP;
- PORTO GONÇALVES, Carlos Walter, 1990, *Os (Des) Caminhos do Meio Ambiente*, Editora Contexto, São Paulo, SP;
- PORTO GONÇALVES, Meio Ambiente, 1992, *Ética e Meio Ambiente*, texto mimeo, Rio de Janeiro, RJ;
- SANTOS, Milton, 1978, *Por uma Geografia Nova*, co-edição Edusp/Hucitec, São Paulo, SP;
- SANTOS, Milton, 1988, *Metamorfoses do Espaço Habitado*, Editora Hucitec, São Paulo, SP;
- SCHWANTES, Milton, 1984, *História de Israel - Local e Origens*, São Leopoldo, RS;
- SCHWANTES, Milton 1989, *O Estado Monárquico nas Montanhas, Palestinos no XIº Século a.C.*, texto mimeo, Guarulhos, SP;
- SERRANO, Carlos, 1983, *Os Senhores da Terra e os Homens do Mar: Antropologia Política de um Reino Africano*, FFLCH-USP, São Paulo, SP;
- SEVCENKO, Nicolau, 1984, *O Renascimento*, co-edição Unicamp e Editora Atual, São Paulo, SP;
- SILVA, Umberto, 1975, *Arte e Ideologia del Fascismo*, Fernando Torres Editor, Valencia, Espanha;
- SODRÉ, Muniz, 1992, *Espaço e Território no Brasil*, in *Democracia e Diversidade Humana: Desafio*

Contemporâneo, Juana Elbein dos Santos (org.), Salvador, Bahia;

STRAUSS, Claude Levy, 1970, *Raça e História*, Editora Perspectiva, São Paulo, SP;

TUAN, Yi Fu, 1980, *Topofilia - Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*, Difel, São Paulo, SP;

VENDRAME, Calisto, 1981, *A Escravidão na Bíblia*, Coleção Ensaios, nº 72, Ed. Ática, São Paulo, SP;

WALDMAN, Maurício, 1992, *Templos e Florestas - Metamorfoses da Natureza e Naturalidades da Metamorfose no mundo oriental*, texto no prelo, FFLCH/USP, São Paulo, SP;

WALDMAN, Maurício, 1992B, *A Ecologia do Tempo*, paper elaborado para a Eco-92, São Paulo e São Bernardo do Campo, SP;

WALDMAN, Maurício, 1993, *Bíblia e Ecologia*, artigo trilingue (português, inglês e castelhano), in *Bibliografia Bíblica Latino-Americana 1992*, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, IMES, São Bernardo do Campo, SP. Versão integral deste texto está disponível *on-line* na seção Religião do site *Maurício Waldman – Textos, Cursos e Projetos*: www.mw.pro.br;

WALDMAN, Maurício, 1995, *Bereshit: A Criação da Diversidade*, in Revista Tempo e Presença, número 279, exemplar de Janeiro/Fevereiro, páginas 40/42, CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação, São Paulo, SP. Versão integral deste texto está disponível *on-line* na seção Religião do site *Maurício Waldman – Textos, Cursos e Projetos*: www.mw.pro.br;

LITERATURA

Borges, Jorge Luis, 1970, *Tlon, Uqbar, Orbis Tertius*, in *Ficções*, Editora Globo, Porto Alegre, RS;

Kafka, Franz, 1971, *A Metamorfose*, Edições de Ouro, nº 1654, Rio de Janeiro, RJ.

FILMOGRAFIA

Cronenberg, David, *Videodrome - A Síndrome do Vídeo*.

Bergman, Ingmar, *O Ovo da Serpente*.

DOCUMENTOS

World Media, Planeta em Movimento, 1991, edição da Folha de São Paulo, São Paulo, SP;

Tratado Contra o Racismo, 1992, Fórum Global, ECO-92, Rio de Janeiro, RJ;

O Socialismo dos Idiotas, 1993, in *Dossiê Véspera*, publicação da AGEN - Agencia Ecumênica de Serviços em co-edição com o MNDH - Movimento Nacional de Direitos Humanos, Fevereiro de 1993, texto de Maurício Waldman para Seminário sobre Discriminação Racial promovido por entidades populares de São Paulo. Versão integral deste texto está disponível *on-line* na seção Religião do site *Maurício Waldman – Textos, Cursos e Projetos*: www.mw.pro.br.

Trabalho enviado em fevereiro de 2008

Trabalho aceito em março de 2008

